

(Orgs.)

Thiago Canettieri

Marina Sanders Paolinelli

Clarissa Campos

Rita Velloso

NÃO SÃO SÓ QUATRO PAREDES E UM TETO

uma década de luta nas
ocupações urbanas da
Região Metropolitana de
Belo Horizonte



(Orgs):
Thiago Canettieri
Marina Sanders Paolinelli
Clarissa Campos
Rita Velloso

NÃO SÃO SÓ QUATRO PAREDES E UM TETO

uma década de luta nas
ocupações urbanas da
Região Metropolitana de
Belo Horizonte



© 2020 Thiago Canettieri, Marina Sanders Paolinelli, Clarissa Cordeiro de Campos, Rita Velloso

Editora Escola de Arquitetura
R. Paraíba, 697 Savassi – CEP: 30130-141
Belo Horizonte – MG Brasil



Publicado sob Licença Creative Commons (CC BY-NC-SA 3.0), o que permite compartilhar, copiar – incluindo fotocópia (xerox) – distribuir, exibir, reproduzir, a totalidade ou partes desde que não tenha objetivo comercial e sejam citados os autores e a fonte.

Projeto Gráfico e Diagramação: Marina Sanders Paolinelli

Capa: Marina Sanders Paolinelli, com a imagem *Caixa d'água*, Dandara, 2011 de Cyro Almeida

FICHA CATALOGRÁFICA

N194 Não são só quatro paredes e um teto: uma década de luta nas ocupações urbanas na Região Metropolitana de Belo Horizonte / organizado por Thiago Canettieri, Marina Sanders Paolinelli, Clarissa Campos, Rita Velloso. - Belo Horizonte : Escola de Arquitetura da UFMG, 2020. 440 p. : il. - (Cosmópolis)

ISBN: 978-65-86377-04-0

1. Cidades e vilas. 2. Espaço urbano. 3. Urbanização. 4. Movimentos sociais urbanos. 5. Cidadania. 6. Direito à moradia. I. Canettieri, Thiago. II. Paolinelli, Marina Sanders. III. Campos, Clarissa. IV. Velloso, Rita. V. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. VI. Título. VII. Série.

CDD 303.484

Ficha catalográfica: Biblioteca Raffaello Berti, Escola de Arquitetura/UFMG

*Alguns dos palácios que construí ainda estão sem teto;
falta muito para que os céus possam reconhecê-los.
Mas, feitos para cobrir-se de ilusão,
nuvens não faltarão que possam compreendê-los.*

*Delas [das nuvens] vêm as pedras que lhes dão alicerce;
as vigas de aço que os mantêm nas alturas;
a pele de gesso que os camufla e protege;
a vida desregrada que degusta pão e água,
melando-os de alegria confeitada de prece.*

*Em suas festas, ao ar livre, estrelas desinteressadas pendem do céu,
oferecidas como candelabros;
ventos cosmopolitas dançam o que podem atrapados ao tempo,
que não se desgreda dos seus relicários;
Embebidas em curiosidade, as primeiras flanelas de sol não demoram a desembacar o céu,
exibindo os seus corpinhos serelepes que as árvores acolhem, infiltradas de ave;*

*Porque palácios, sempre alegres,
Porque descobertos, nunca tristes.*

*Se a própria realidade os tem como improvisados,
os próprios palácios a têm como insincera.
Se nem ela mesma sabe quantas vezes quis saqueá-los,
não serão eles que deixarão de dizer,
ostentando a aura solene do seu mobiliário, o quanto a vida é bela.*

Luiz Otávio Estrela

Este livro é resultado das apresentações e discussões realizados no *Seminário Dez Anos de Ocupações Urbanas na RMBH: história, lutas e os novos caminhos*, realizado nos dias 26, 27 e 28 de junho de 2019 na Escola de Arquitetura da UFMG, organizado pelo grupo de pesquisa Cosmópolis com o apoio do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (NPGA-UFGM). O evento debateu sobre o último ciclo de ocupações na RMBH buscando colocar em diálogo pesquisadores, ativistas, assessores técnicos, advogados populares, militantes e moradores de ocupações na construção de uma memória coletiva das lutas e experiências, bem como na prospecção de novos caminhos. O livro é construído coletivamente: buscamos reeditar alguns artigos importantes, outros autores escreveram especialmente sobre o evento e o atual momento, e apresentamos algumas das mesas transcritas. Contudo, mesmo com o amplo esforço de tantas cabeças e mãos, o livro pode não dar conta de toda complexidade dos acúmulos das discussões. Pensando nisso, colocamos à disposição os vídeos das mesas e rodas de conversas realizadas durante o evento. Para acessá-las, clique no link.

26 de junho

MESA DE ABERTURA: UMA HISTÓRIA DE LUTA

Isabella Gonçalves, Leonardo Pêricles e Frei Gilvander Moreira

mediação: *Rita Velloso*

<https://youtu.be/yzEwCLx0dE>

APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

<https://youtu.be/eUE-DpQJvLg>

RODA DE CONVERSA: OCUPAÇÃO É UMA LUTA FEMINISTA

Charlene Egídio, Lulhã Dandara e Poliana Souza

mediação: *Mariana Borel*

<https://youtu.be/rvFwzR5HjHg>

SESSÃO DE CINEMA: DANDARA

<https://youtu.be/FQ4zbXaZHGy>

acesse o canal
do seminário
no youtube



27 de junho

MESA 1: A ASSESSORIA TÉCNICA NAS OCUPAÇÕES URBANAS

Tiago Castelo Branco, William Azalim, Thais Lopes e Nilce de Paula

mediação: *Tais Clark*

<https://youtu.be/WNLcUKrxJK0>

MESA 2: CONEXÃO BH-SP: AS OCUPAÇÕES URBANAS EM SÃO PAULO, DIFERENÇAS E CONVERGÊNCIAS COM A EXPERIÊNCIA BELOHORIZONTINA

Andre Dal'Bo e Isadora Guerreiro

mediação: *Thiago Canetti*

<https://youtu.be/GWc1vR7zEM>

RODA DE CONVERSA: OCUPAÇÃO E POLÍTICAS HABITACIONAIS

Denise Morado e Rafael Bittencourt

mediação: *Clarissa Campos*

<https://youtu.be/OTwTxbJNm0>

SESSÃO DE CINEMA: NA MISSÃO, COM KADU

<https://youtu.be/E9teWVeNPPU>

28 de junho

MESA 3: OCUPAÇÕES E LUTAS URBANAS

Índira Xavier, Paulo Rocha, Joviano Mayer, Marcos China e Túlio Freitas

mediação: *Junia Ferrari*

<https://youtu.be/lbcAErRejVg>

MESA 4: UM NOVO MOMENTO: OCUPAÇÕES NO CENTRO E ATUAL CONJUNTURA

Edinho Vieira, Debora Sá, Antônio de Pádua e Luiz Fernando Vasconcellos

mediação: *Marina Sanders*

<https://youtu.be/q2PwwbnMGfI>

RODA DE CONVERSA: OCUPAÇÃO E EXPERIÊNCIAS COTIDIANAS

Vivian Toffaneli, Alexandra Assis e Natália Alves

mediação: *Rita Velloso*

<https://youtu.be/15EOwnYiPQ>

SESSÃO DE CINEMA: CONTE ISSO ÀQUELES QUE DIZEM QUE FOMOS DERROTADOS

<https://youtu.be/o4u-XatEpto>

Sumário

Clarissa Campos
Marina Paolinelli
Rita Velloso
Thiago Canettieri

Introdução 15
as ocupações urbanas na RMBH e a luta por moradia para além de quatro paredes e um teto

PARTE I - DEZ ANOS DE HISTÓRIA

Gilvander Moreira
Leonardo Péricles
Isabella Gonçalves

Uma história de luta 27
dez anos de ocupações urbanas em Belo Horizonte (transcrição de mesa)

Marina Paolinelli
Thiago Canettieri

Dez anos de ocupações organizadas em Belo Horizonte 51
radicalizando a luta pela moradia e articulando ativismos contra o urbanismo neoliberal

Beatriz Machado
Fernando Oelze
Orlando Lopes

Vale mais que ouro em pó 81
uma breve história da ocupação Dandara

Tiago Lourenço

Seria este o fim de um ciclo? 99

Edinho Vieira
Débora Sá
Antônia de Pádua
Luiz Fernando de Freitas

Um novo momento 115
atual conjuntura e ocupações no centro (transcrição de mesa)

153	Encarte	Clarissa Campos Marina Telles Sofia Pfeffer Taiana Garrido	Experiências cotidianas e o cotidiano como experiência	303
Geohistória das ocupações urbanas na RMBH				

PARTE II - POLÍTICAS PÚBLICAS, ASSESSORIA TÉCNICA E A LUTA DAS OCUPAÇÕES

159	As políticas habitacionais e as ocupações urbanas	Denise Morado Nascimento	O brincar, a festa e a revolta	317
outras formas de festa como forma de resistência nas ocupações urbanas da Izidora				

187	Por uma contraconduta acadêmica	Marcela Lopes	Ocupações e lutas urbanas	333
(transcrição de mesa)				

203	Discutindo autonomia	Livia Morais	Fazer cidade, fazer imagem	369
na Vila Eliana Silva				

219	Advocacia popular	Taís Clark Thaís Isaías	um ensaio sobre a realização de filmes no contexto da luta do MLB	
-----	-------------------	----------------------------	---	--

PARTE III - VIDA COTIDIANA NAS OCUPAÇÕES

237	Ocupação é uma luta feminista	Luhh Dandara Poliana Souza Charlene Egídio	Cinema heurístico?	391
(transcrição de mesa)				

263	As bruxas da Izidora	Julia Franzoni Natália Alves Daniela Faria	uma discussão sobre a produção cinematográfica no contexto das ocupações	
feminismos e acumulação por despossessão				

Posfácio	403
As ocupações urbanas na macrometrópole paulistana: da potencialidade política ao amoldamento neoliberal	

Sobre os autores	432
------------------	-----

PARTE IV - OCUPAÇÕES E A PRODUÇÃO DA CULTURA

Indira Xavier Paulo Rocha Joviano Mayer Túlio Freitas Marcos China	
--	--

Aiano Bemfica	
Rita Velloso Clarissa Campos	

André Dal'Bó Isadora Guerreiro	
-----------------------------------	--

Fazer cidade, fazer imagem

um ensaio sobre a realização de filmes no contexto da luta do MLB

Aiano Bemfica

Introdução

Em seu artigo “Que lugar para a militância no cinema contemporâneo brasileiro?”, Amaranta César aponta para a emergência de obras que, engajadas no presente de suas lutas e realizadas por sujeitos antes invisibilizados, passam a ocupar os circuitos institucionais do cinema e suas reverberações (CESAR, 2017) - salas, festivais, mostras, revistas de crítica e reflexões acadêmicas. Dentre a miríade de produções que nascem no bojo das mais diversas pautas, as disputas urbanas aparecem como motor de uma filmografia que, como sugere Vinícius Andrade Oliveira (2019), busca intervir na história, tendo a produção de imagens como forma de luta. O presente ensaio propõe uma primeira aproximação, ainda que panorâmica e tecendo análises ainda incipientes, ao cinema realizado em meio à luta das ocupações urbanas em Belo Horizonte, mais especificamente às obras filmadas junto ao Movimento de Luta nos Bairros, Vilas e Favelas (doravante, MLB).

O MLB é um movimento social de luta por moradia e reforma urbana que nasceu no final da década de 90, tendo sido fundado simultaneamente em Minas Gerais e em Pernambuco. O centro de sua atuação política está na organização de famílias sem-teto para, através da realização de ocupações de terrenos e imóveis vazios, auto-construir comunidades e/ou pressionar os governos locais pela execução ou implementação das políticas habitacionais. Presente hoje em 17 estados da federação, a organização sustenta, em seus discursos, bandeiras e documentos, a luta por moradia digna como um meio a mais - e não o único - para alcançar não apenas a reforma urbana, como também o socialismo (MLB, 2014).

Sua quarta tese aponta que, em um país onde o modelo operante de cidade é regido por uma lógica de distribuição fundiária que privilegia a concentração de terras, permite a grilagem sem maiores consequências e tem a especulação imobiliária como um de seus eixos de territorialização do capital financeiro (MARICATO, 2006; MLB, 2014; ROLNIK, 2017), para alcançar a reforma urbana é necessário:

fazer mais ocupações, garantir a resistência e impedir os despejos; (...) articular as lutas isoladas por moradia e outros direitos; aumentar a propaganda das ideias e propostas do MLB e crescer a nossa organização, pois o caminho da vitória passa por um movimento grande e organizado (MLB, 2014, p.20).

Foi nesse cenário que começou a se desenvolver um projeto sistemático de produção de imagens no bojo do movimento. Como realizador audiovisual e militante, tenho podido acompanhar de perto o trabalho coletivo de criar, sistematizar e colocar em prática o registro, comunicação e realização cinematográfica no dia a dia do movimento - processo complexo que envolve, muitas vezes, um coletivo amplo de pessoas.

Dessa forma, ao escrever este ensaio, parto de um lugar de fronteira que me oferece uma perspectiva multi-situada: realizador, militante e pesquisador. Uma perspectiva que constitui uma posição específica a partir da qual constroem-se um conjunto de práticas e saberes distintos que irão, juntos, conformar o arcabouço teórico-prático-epistemológico para subsidiar uma análise a partir do que Mignolo define como “pensamento de fronteira” que, “desde a perspectiva da subalternidade colonial, é um pensamento que não pode ignorar o pensamento da Modernidade, mas que não pode tampouco subjugá-lo a ele” (MIGNOLO, 2003, p. 52 apud BALLESTRIN,

2013, p.106). Ainda neste esteio, Catherine Walsh irá dizer que tal postura ético-epistêmica “não tem como principal fim pluralizar ou abrir o pensamento eurocêntrico e dominante (...), mas sim, e ainda mais importante, construir vínculos estratégicos entre grupos e saberes subalternos” (WALSH, 2005, p.31, tradução nossa).

Metodologicamente, recorro à proposta construída por Mariana Souto em sua tese “Infiltrados e invasores: uma perspectiva comparada sobre as relações de classe no cinema brasileiro contemporâneo” (2016), na qual - dialogando com Benjamin (1984), Xavier (2003) e Abreu (2011) - defende uma análise comparativa entre obras que, aproximadas como em uma constelação, constituem uma coleção onde

há uma tensão entre o particular e a totalidade, compondo dois momentos de leitura. Em um, a atenção se volta para o detalhe que cada peça revela em sua especificidade; na outra, recuamos alguns passos produzindo um efeito de visão distanciada. (...) Um elemento colecionado é atravessado pelo todo, mas não é uma miniatura ou um perfeito representante dele, assim como o todo não é simplesmente a soma dos elementos, mas algo que os transcende. Em outras palavras, a coleção não é a resultante mecânica de um somatório de peças; se precisamos defini-la, seria melhor dizer que se trata de um conjunto de forças que põe em relação e imanta uma constelação de peças (SOUTO, 2016, p.20).

Assim, constelando juntos os curta-metragens “Na Missão, com Kadu” (2016), “Conte Isso Àqueles que Dizem que Fomos Derrotados” (2018) e “Izidora: dias de luta, noites de resistência” (previsto para 2020)¹ proponho construir uma série histórica, onde seja possível ver “uma transformação, que insere os problemas que estão sendo vividos no presente como parte de uma lógica que ultrapassa o presente e está, enfim, projetada historicamente” (XAVIER, 2003, p.3). Proponho uma análise comparativa que, “ao operar o raciocínio por contraste, [considere que] algo próprio de cada filme se faz ver” (SOUTO, 2016, p.30) que contribui para um primeiro olhar sobre esse contexto de realização.

O cinema como território de luta

Se falar de política pressupõe falar de política das imagens, a realização audiovisual dentro do MLB, ainda que não seja o centro de suas ações, aparece como um potente modo de “atrair as pessoas para uma contemplação produtiva, transmitir a memória das lutas, quaisquer que sejam as causas, (...) inflamar debates” (GIANVI-

¹ Todas são obras coletivas: o primeiro é dirigido por Alano Bemfica, Ricardo Freitas e Pedro Maia; o segundo por Alano Bemfica, Camila Bastos, Cris Araújo e Pedro Maia; e o terceiro por Edinho Vieira, Sthefany Paula e Raquel Rodrigues.

TO apud BRENEZ, 2017, p.81). Desta prática, emerge um conjunto de filmes que poderíamos classificar como “cinema de intervenção social” - trabalhos que guardam uma “instantaneidade performática que visa o sucesso de uma luta e a transformação concreta de uma situação de conflito declarado ou injustiça estrutural” (BRENEZ, 2017, p. 71). Obras que apostam em sua eficácia histórica e na possibilidade de que, através diferentes caminhos, possam participar do rumo das disputas políticas e da constituição histórica do próprio movimento (BRENEZ, 2017; ANDRADE DE OLIVEIRA, 2019). Assim, de forma processual e imbricada com a prática cotidiana de construção do MLB e suas demandas - sejam elas a fundação de ocupações, denúncias, atos públicos, marchas ou projetos comunitários -, ao longo dos últimos anos viemos elaborando lógicas de trabalho que tensionam, atravessam e reformulam a realização audiovisual.

Em nossa atuação na Região Metropolitana de Belo Horizonte (doravante, RMBH), essa produção esteve ligada ao desenvolvimento da luta por moradia na última década. Nesse período, assistimos também à formação de amplas redes de solidariedade que, permeadas por diferentes setores sociais, constituíram o que Partha Chatterjee (2004) definiria como Sociedade Política, tendo tido atuação central para a permanência de algumas comunidades frente às ameaças de despejo. Ao refletirem sobre a experiência das ocupações urbanas na RMBH, Marina Paolinelli e Thiago Canettiery (2019, p.846) trazem alguns elementos importantes quando afirmam que, ao longo desses últimos dez anos,

os movimentos sociais de Belo Horizonte passaram por um amadurecimento que indicou um duplo movimento: por um lado a radicalização das ações e, por outro, a hibridação de várias pautas ligadas à vida na cidade. Essa estratégia tem, a nosso ver, uma razão de ser: a radicalidade e a articulação dos vários ativismos são uma poderosa ferramenta para a resistência contra o urbanismo neoliberal. De movimentos que se submetiam à política criada pela gestão municipal, insuficiente na provisão de habitação, as organizações populares deslocaram-se para a ação direta, com um destaque na formação e consolidação de ocupações organizadas – enquanto estratégia de luta, de produção de moradias e de criação de narrativas políticas de resistência.

No bojo destas lutas, também o cinema emergiu como possibilidade de criação, ação e participação política. “Na Missão, com Kadu”, “Conte Isso Àqueles que Dizem que Fomos Derrotados” e “Izidora: dias de luta, noites de resistência” são alguns dos títulos que, entre outros filmes, tiveram a participação do MLB e seus militantes.

Antes de seguir, cabe destacar que é preciso ver esse contexto de produção imagética de modo complexo. Constatamos juntos, para além e a partir destes filmes, outras dezenas de produções audiovisuais que circularam em diversos meios - desde redes sociais àquelas que, tendo sido destinadas exclusivamente para compor peças jurídicas ou acervos próprios, nunca chegaram a ser publicizadas. Afinal, as imagens produzidas no seio da luta por moradia não têm as telas, salas e festivais como seu destino central, sendo estes apenas alguns dos percursos possíveis. Muitas vezes, elas também possuem outras finalidades, como a mobilização e ativação de redes, a ocupação de novos espaços, o apoio a processos jurídicos, formação de militantes, trabalho junto às comunidades e até mesmo a construção de um acervo e memória (ANDRADE DE OLIVEIRA, 2019). Formam, assim, um corpus complexo e rizomático que atravessa e é atravessado pelas disputas que marcam a história e os territórios de diferentes ocupações urbanas, dos sujeitos que participam dessa luta e, em alguma medida, a própria cidade.

“Na Missão, com Kadu”2: do cinema de trincheira à imagem engajada

Em 2013 nasceram, no eixo norte da RMBH, três ocupações urbanas que vieram a conformar, então, a região da Izidora: Rosa Leão, Esperança e Vitória. Juntas, as comunidades somavam já cerca de 8.000 famílias (hoje 10.000) e configuravam-se, então, como o maior conflito fundiário urbano da América Latina e um dos seis maiores do mundo³. Ao longo dos anos seguintes, o interesse do capital imobiliário sobre a área, conhecida como Granja Werneck, culminou em dois grandes ciclos de ameaças de despejo: o primeiro entre junho e agosto de 2014, sob o governo de Alberto Pinto Coelho (PP) e prefeitura de Márcio Lacerda (PSB); e o segundo, no mesmo período de 2015, ainda sob o mesmo governo municipal, mas já na gestão estadual de Fernando Pimentel (PT).

Em resposta à articulação de interesses de parte desses governos com a construtora Direcional - empresa responsável pelo projeto imobiliário que se pretendia desenvolver na região - voltada para o despejo daquelas famílias, uma ampla rede de alianças se formou. Tendo como centro gravitacional movimentos sociais de luta

2 Para assistir ao filme, acesse: <https://vimeo.com/232282418>.

3 Para saber mais sobre o processo ler Bizzotto (2015) e Bittencourt (2016).



por moradia⁴ e representantes das três comunidades, somaram-se à rede #ResisteIzidora outras lideranças populares, advogadas e advogados, setores progressistas das igrejas, universidades (públicas e privadas), ativistas, estudantes e artistas. Foi um período de intensa pressão sobre os territórios e também de muita resistência. A batalha se desenvolveu em vários fronts e o combate estabeleceu trincheiras de luta: barricadas nas ruas de terra dos bairros, marchas por avenidas arteriais da cidade, ocupações em bancos e edifícios do poder público e, também, no e através do cinema.

Filmado em pouco mais de seis horas em um único dia, o curta-metragem “Na Missão, com Kadu” nasce no dia 19 de Junho de 2015, movido pela força de dois planos realizados por Ricardo Freitas⁵, o Kadu, quando uma marcha pacífica das famílias da Izidora na MG-10 foi duramente reprimida pela Polícia Militar de Minas Gerais a alguns metros da Cidade Administrativa, sede do governo estadual. As imagens, filmadas com extrema precisão e insistência (Kadu segue a filmar mesmo quando tudo à sua volta parece ruir e desenvolver-se em um cenário de extrema violência), além de guardarem relevância histórica na medida em que são reveladoras do que de fato aconteceu aquele dia - dado que as narrativas das mídias tradicionais e do próprio governo do estado justificavam e aderiram à violência policial -, dão a ver também uma consciência extrema do fazer cinematográfico no momento do conflito.

Sua montagem final preserva o processo de feitura. Movidos pela potência dos planos de Kadu, Pedro Maia e eu convidamos Luiza Bahury e fomos até a Ocupação Vitória propor a ele a realização conjunta deste filme. Em sua estrutura - constituída por nove cenas: sete delas filmadas na ocupação, a partir de nossa proposta, e as duas últimas pelo celular de Kadu durante a marcha - podemos ver como foi sua construção: a chegada na comunidade, o encontro com Kadu, a entrada na casa de Aninha, a conversa sobre a marcha e a repressão policial, a caminhada para a pracinha da ocupação, a montagem da projeção junto às barricadas, a convocação da comunidade para assistir aos planos e, finalmente, os dois planos finais que mobilizaram todo o filme.

A câmera também é reveladora de um conjunto de relações. Feito integralmente com câmera na mão, nossa chegada na comunidade no início do documentário é

4 A destacar: MLB, Comissão Pastoral da Terra e Brigadas Populares.

5 Importante liderança das Ocupações da Izidora, assassinado em novembro de 2015.

Fotogramas extraídos do filme “Na Missão, com Kadu”.

filmada com uma câmera ainda muito trepidante que, assim como nós, revela em seus planos o tateamento e aproximação. Se na primeira imagem do filme ela nos acompanha em caminhada, já no plano seguinte ela mantém uma distância para que Kadu possa se aproximar, se apresentar e, a partir daí e a convite dele, entrar na casa de Aninha e pedir licença para filmar. No momento seguinte, já com uma câmera que apenas opera pequenos reenquadres, constitui-se ali, ao redor do fogão à lenha, um espaço de testemunho. A palavra transita, se interrompe e salta a cada instante com relatos de momentos diferentes entre Seu Adão, Aninha, Ian Felipe e Kadu.

Terminada a conversa, em um conjunto de sequências de transição onde a câmera segue na mão, acompanhando seus personagens se deslocarem pelo território, passamos à devolução das imagens da marcha à comunidade. Na praça da ocupação, e sob rajadas de foguete - sinal usado entre a coordenação, moradores e moradoras para convocar as pessoas para atividades como assembleias, reuniões, marchas e festas -, Kadu convoca as pessoas para a sessão. Arma-se, então, a projeção, ao lado das barricadas de pneus que limitam o acesso à rua principal do bairro. A partir desse momento, somos lançados à mesma perspectiva das famílias e, junto com eles, vemos os planos que moveram o filme.

“É isso daí, da luta do povo ninguém se cansa! É por moradia que esse povo está na rua!”. Juntos com Kadu, e a partir da lente de seu telefone celular, mergulhamos na marcha do dia 19 de junho através de dois longos plano-sequência durante os quais, de forma muito comprometida, Kadu dedica-se simultaneamente a filmar, coordenar, ajudar as famílias, em especial as crianças, e também a narrar para a câmera tudo o que está acontecendo.

Se temos em conta o que, em entrevista a Comolli, Sylvie Lindeperg propõe:

Para entender as coordenadas de um plano ou de uma fotografia, parece-me que é preciso levar em conta não somente suas condições espaço-temporais e político-históricas, mas também o que acontece entre filmadores e filmados (LINDEPERG, 2010, p. 14)

podemos considerar esse conjunto de planos como um documento, não só da luta dessas famílias, da repressão do Estado e da violência da disputa em curso, mas



There are children!
Look at the children! Please!

Fotogramas do filme “Conte Isso Àqueles que Dizem que Fomos Derrotados”.

também das relações que se teciam entre Kadu e todo o contexto. Um documento que revela uma acuidade que é fruto, não de um saber técnico especializado, mas da posição nas relações que o sujeito que realiza ocupa, sua consciência das ações envolvidas no curso da luta e sua conexão com as pessoas que caminham a seu lado.

Essas imagens guardam um potencial mobilizador profundo justamente porque carregam em sua duração e decupagem a relação íntima com o real, respondendo a ele de forma ativa e participante, qualidades indiscerníveis e inseparáveis de quem as realizou. Se analisarmos hoje, tanto dentro do filme como também no transcorrer mais amplo dos outros caminhos que esses planos percorreram⁶, não seria muito chamá-las de “imagens engajadas” - que, além de estarem em relação declarada com uma luta, se engajam efetivamente no momento mesmo da ação, não apenas pelo papel que cumprem em sua circulação e intervenção no real, mas pelo modo como respondem formalmente à realidade.

Conte isso Àqueles que Dizem que Fomos Derrotados

Os anos de 2015 a 2017 são marcados pelo processo de consolidação do golpe de Estado que substituiu Dilma Rousseff e, em paralelo, pela ascensão de um projeto fascista que culminou na eleição do atual governo. Desde as margens, as lutas das ocupações feitas pelo MLB ao longo desse período também deixaram ver algumas das disputas que se agudizaram nesse período, sendo possível notar no *modus operandi* das forças policiais, enquanto braço armado do Estado, um crescendo de autoritarismo e violência. Exemplo desse processo são os despejos das comunidades Temer Jamais e Manoel Aleixo, executados em suas primeiras horas e marcados pela ação autoritária da PMMG sem que houvesse sequer a judicialização dos processos (BEMFICA; ALMEIDA, 2018).

⁶ E aqui me refiro ao fato, já discutido mais profundamente em outra oportunidade, de que esses planos tiveram incidência objetiva na forma como o conflito da Izidora se desenvolveu. Para além do filme que aqui trago, cabe destacar seu papel na ativação de redes de solidariedade, sua viralização como forma de denúncia e como prova material para processo jurídico que culminou no mandado de segurança expedido pelo STJ, que impediu a realização da reintegração de posse na região.



Fotogramas do filme “Conte Isso Àqueles que Dizem que Fomos Derrotados”.

Realizado pelo MLB e dirigido por seus militantes e apoiadores, “Conte Isso Àqueles que Dizem que Fomos Derrotados” é um filme construído a partir de um processo de submersão nas horas de material bruto produzido pelas comissões de comunicação do Movimento, ao longo do registro daquelas lutas e durante a criação da Ocupação Paulo Freire, em 2015.

Até então, nossa prioridade sempre havia sido editar e publicar, praticamente em tempo real, os vídeos e fotografias que produzíamos durante as situações de conflito, em uma prática comunicativa muito marcada pelos referenciais videoativistas e pela necessidade de dar a ver rapidamente a existência das comunidades fundadas pelo Movimento e as ameaças impostas pela polícia e pelo Estado. Mesmo tendo sido esta uma tarefa fundamental, que muito contribuiu para a ativação de redes de agentes aliados e para a construção narrativa da história do MLB e das ocupações por ele organizadas, ao cabo de cinco anos tínhamos um acervo enorme de imagens que nunca tinham sido utilizadas, ou das quais haviam sido extraídos apenas curtos trechos, em função do dinamismo e das restrições que o material audiovisual para as redes exige. Assim, movidos pela necessidade de, ao mergulhar nessas imagens, reencontrar formas para superar os recentes traumas produzidos pela violência das ações sofridas, passamos a vê-las e discutí-las uma a uma.

Os parâmetros criativos, estéticos e narrativos foram sendo determinados à medida em que fomos entendendo, com mais ou menos precisão, as diferentes dimensões daquelas experiências. Trabalhamos sobre o material por cinco semanas: assistindo às projeções, tomando notas, classificando e selecionando os diversos planos que tínhamos em mãos. Ainda sem ter um roteiro ou um recorte muito definido, perguntávamos aos planos e às relações que propunham entre si, o que podiam revelar da trajetória daquelas lutas. Ao longo das conversas, fomos compreendendo o material a partir da experiência de militância que tínhamos acumulado.

Juntos, cenas e sons registrados nos diferentes processos de toma de terreno constróem um único território. Ou, mais que um território, um “estado de ocupação”. Os planos, filmados por membros da comissão de comunicação, nascem de uma



Fotogramas extraídos do filme “Izidora: dias de luta, noites de resistência”

relação íntima com as ações e deixam ver uma conexão orgânica entre ocupar e filmar em que, cavar um buraco, fazer segurança, armar uma barraca, hastear uma bandeira, coordenar ou ligar uma câmera são gestos de igual força e importância. Como filme de montagem, seu aspecto formal e de construção - não só visual como também sonora - é bastante presente. Entretanto, tal escolha não subjugava as imagens em sua potência à medida em que as deixa emergir na tela com força, duração e autonomia e as desloca do lugar comum normalmente ocupado pelo arquivo - não mais atestando ou ilustrando algo. Desta forma, o curta deixa de ser um filme sobre uma luta ou outra, para ser um filme sobre um verbo: lutar.

“Izidora: dias de luta, noites de resistência”

Ainda em processo de finalização, “Izidora: dias de luta, noites de resistência” é o mais recente filme a emergir do contexto das lutas em que o MLB participa em Belo Horizonte. Co-dirigido por jovens moradores das ocupações da Izidora, assinam a direção, Edinho Vieira, coordenador nacional do Movimento, Stephany Paula, comunicadora popular e moradora de ocupação, militante do MLB, e Raquel Rodrigues, moradora da Ocupação Rosa Leão. O curta-metragem foi desenvolvido junto ao projeto Ocupa Mídia que, executado em parceria entre o MLB, as Brigadas Populares e a ONG Internet sem Fronteiras, envolveu diversos jovens das ocupações da região do Barreiro e da Izidora em um processo de formação em comunicação, planejado e ministrado pela ONG e por militantes do MLB⁷.

Filmado em 2018, após aprovação do novo Plano Diretor da cidade de Belo Horizonte - que afasta ainda mais a possibilidade de reintegração de posse na região - sua realização é movida pela necessidade de contar a história daquele território e reafirmar sua genealogia na luta. Filmado por jovens moradores e moradoras que acompanham desde dentro a luta daquelas famílias - aliás, são eles também parte delas -, o espaço de diálogo construído pela presença da câmera é distinto dos filmes anteriores. Majoritariamente filmado em internas, dentro das casas das pessoas com

7 Edinho Vieira, por exemplo, morador da Ocupação Carolina Maria de Jesus, iniciou sua militância ainda como aluno de oficinas de comunicação em 2014 e atuou como formador ao longo do projeto.



Fotogramas extraídos do filme “Izidora: dias de luta, noites de resistência”

as quais se propõe o diálogo, com uma câmera estável, fixa em seu tripé, que enquadra a partir de planos médios e primeiros planos bastante próximos, instaura um espaço íntimo de relato e memória.

Conduzidas por Edinho, as entrevistas recuperam desde o início da tomada do terreno até as perspectivas para o futuro, passando também por momentos críticos de tensão e luta - novamente a marcha do dia 19 de junho é retomada, oferecendo agora, para além das imagens de Kadu, olhares e lembranças ainda mais múltiplas.

Também os arquivos têm lugar ao longo da obra. Porém, com um maior afastamento temporal do presente de suas tomadas, eles têm um modo de entrada fílmica distinto do modo de trabalho dos filmes anteriores. Seu primeiro modo de aparição é a partir de sua colocação em cena, como fotografia impressa, em que servem como ponto de partida para rememoração e diálogo. Em seguida, mais adiante no filme, imagens realizadas ao longo dos momentos mais tensos de pressão e resistência também têm seu espaço: barricadas noturnas, os helicópteros sobrevoando, festas abertas à cidade e vigílias ao amanhecer. Uma outra forma de arquivo também toma corpo em imagem: uma das personagens, Dona Vilminha, apresenta uma bandeira com a imagem de São Pedro e duas chaves “uma grande e uma pequenininha” penduradas junto com outros ornamentos: “essa daqui é a verdadeira bandeira da terra”, diz a senhora, enquanto conta a forma como o artefato testemunha a força de sua promessa a Nossa Senhora Aparecida, a quem pediu que aquela terra fosse regularizada e que o conflito tivesse fim.

Assim, articulando depoimentos tomados numa relação próxima entre os que filmam e os filmados com as diferentes formas de arquivo, o documentário se abre enquanto espaço de rememoração e elaboração sobre o passado e projeção para o futuro. As personagens falam de seus sonhos e expectativas, sobre o que esperam dos próximos governos e a importância da luta para construir o futuro. Não é por nada que a fala final do filme é “então nós temos que arregaçar a manga, ir pra cima e lutar, lutar, lutar... Só assim que você consegue! Igual eu estou lutando até hoje aqui e espero que um dia vou receber minha carta de alforria!”.



Filmar, Rememorar e Intervir: possíveis considerações

Aspectos formais e processuais dos três filmes deixam ver dimensões diferentes da produção cinematográfica aliada à luta do MLB enquanto espaços de encontro, reflexão e intervenção. Realizados de modos bastante distintos entre si, os diferentes recursos de linguagem e forma acionados respondem às demandas de seus contextos ao mesmo tempo em que se abrem como territórios de elaboração sobre a história das lutas com as quais se relacionam.

Em “Na Missão...”, a realização é fruto do encontro de um militante do MLB com apoiadores e a liderança comunitária. Gravado em um período em que o movimento ainda não tinha uma prática de imagens voltada para o cinema, o filme se move por e deixa emergir uma dimensão de externalidade, urgência e denúncia: um grupo que se aproxima, entra no território, ouve e, em seguida, abre espaço para que as imagens feitas na luta ocupem a tela. Tanto sua estrutura narrativa, como o modo como a câmera se comporta deixam ver tais aspectos e indicam um pensamento de realização que, muito tocado pela violência da repressão sobre a fática marcha, se abre como espaço de testemunho e cria, filmicamente, um lugar para que as imagens realizadas por Kadu possam, como ele mesmo pede no plano final, “rodar o mundo”.

Já “Conte isso...” tem sua realização organicamente ligada ao movimento e foi construído coletivamente, num processo que é, ele mesmo, de rememoração e reflexão. Assim, o universo de imagens que o compõe se abre como espaço de reflexão e participação para, num segundo momento, lançar-se ao mundo como filme. Sua forma imersiva, filmada desde dentro, nos coloca no bojo da ação e, diante da agudização da crise democrática, elabora sobre o futuro, colocando no horizonte de nosso imaginário a importância da ação coletiva.

Por sua vez, “Izidora...” - filme que, formalmente, talvez se aproxime mais do documentário clássico - oferece um espaço íntimo para reflexão e rememoração da trajetória das comunidades. Se os depoimentos oferecem a possibilidade para que aquelas pessoas, tantas vezes silenciadas, falem e narrem suas histórias, o uso dos arquivos aponta para a necessidade trazer o passado de novo à cena. Única, dentre as três obras, que foi realizada integralmente por moradores de ocupações, é dirigido por jovens que foram se formando enquanto lideranças, realizadoras e realizadores

dentro da própria luta.

Se as ocupações urbanas são um ato de rebeldia que rompe com a lógica dominante, propõem outros mundos possíveis e se consolidam como “motor principal da luta pela reforma urbana” através do qual é possível “mobilizar milhares de pessoas, pressionar os governos e chamar a atenção para os problemas enfrentados pelo povo pobre nas grandes cidades” (MLB, 2014, p.16), juntos, os três filmes oferecem, enquanto série, uma contra-narrativa não só da história dos territórios com os quais se relacionam, mas também de um modo de fazer cidade. São imagens que nos permitem pensar as cidades a partir do que faz e desfaz a todo momento a urbe, ou seja, a partir dos “processos e, portanto, da política que impulsiona o movimento necessário à sua existência, às suas formas de reprodução e transformação” (AGIER, 2015, p. 483). São, assim, imagens que se fazem ao mesmo tempo em que participam da feitura da própria cidade.

Referências bibliográficas

- ABREU, Leandro Pimentel. 2011. *O inventário como tática: a fotografia e a poética das coleções*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- AGIER, Michel. 2015. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, v. 21, n. 3, p. 483-498.
- ANDRADE DE OLIVEIRA, Vinícius. 2019. *Intervir na História: Modos de participação das imagens documentais em lutas urbanas no Brasil*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Universidade do Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- BALLESTRIN, Luciana. 2013. América Latina e o giro decolonial. *Revista brasileira de ciência política*, n. 11, p. 89-117.
- BEMFICA, Aiano; ALMEIDA, Matheus. 2018. Ocupação Urbana e Despejo: entre o ritual popular e o estatal. *Ponto Urbe [Online]*, n. 23.
- BENJAMIN, Walter. 1984. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense.
- BITTENCOURT, Rafael Reis. 2016. *Cidadania autoconstruída: o ciclo de lutas sociais das ocupações urbanas na RMBH (2006-2015)*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- BIZZOTTO, Luciana Maciel. 2015. #RESISTEIZIDORA: controvérsias do movimento de resistência das Ocupações da Izidora e apontamentos para a justiça urbana. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- BRENEZ, Nichole. 2017. Contra-ataques. In: DIDI-HUBERMAN, Georges (Org.). *Levantes*. São Paulo: Edições Sesc.
- CESAR, Amaranta. 2017. Que lugar para a militância no cinema brasileiro contemporâneo? Interpelação, visibilidade e reconhecimento. *Revista ECO-Pós*, v. 20, n. 2, p. 101-121.

- CHATTERJEE, Partha. 2004. *Colonialismo, modernidade e política*. Salvador: EDUFBA, CEAQ.
- LINDEPERG, Sylvie. 2010. Imagens de arquivos: imbricamento de olhares. Entrevista. In: *Catálogo do forumdoc.bh. 2010*. BH, Filmes de Quintal/FAFICH UFMG.
- MARICATO, Ermínia. 2006. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. Petrópolis: Vozes.
- MIGNOLO, Walter. 2012. *Local Histories/Global Designs: Essays on the Coloniality of Power, Subaltern Knowledges and Border Thinking*. Princeton: Princeton University Press.
- MLB. 2014. *Morar Dignamente é um Direito Humano: as propostas do MLB para a Reforma Urbana*. Tese do 4º Congresso Nacional do MLB. Disponível em: < https://docs.wixstatic.com/ugd/ab3c6b_1bfe13eef6cc46ca820c8dc9b51e397f.pdf > Acesso em: 04 jun. 2018.
- PAOLINELLI, Marina Sanders; CANETTIERI, Thiago. 2019. Dez anos de ocupações organizadas em Belo Horizonte: radicalizando a luta pela moradia e articulando ativismos contra o urbanismo neoliberal. *Cadernos Metrópole*, v. 21, n. 46, p. 831-854.
- ROLNIK, Raquel. 2017. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. Boitempo Editorial.
- SOUTO, Mariana. 2016. *Infiltrados e invasores: uma perspectiva comparada sobre as relações de classe no cinema brasileiro contemporâneo*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- XAVIER, Ismail. 2003. *O olhar e a cena: melodrama, Hollywood, cinema novo, Nelson Rodrigues*. São Paulo: Cosac & Naify.
- WALSH, Catherine. 2007. Interculturalidad y colonialidad del poder, un pensamiento y posicionamiento “otro” desde la diferencia colonial. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón. (org.). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombres.